

“Saudade de minha terra”- relato de interações com migrantes em UTI hospitalar durante a pandemia de Covid-19

*Ludmila Montandon Piros**
*Luciane de Andrade Barreto***

1 INTRODUÇÃO

Entre tantos desafios que atravessaram a vida das pessoas, neste período de pandemia de Covid-19, o distanciamento físico foi um dos mais complexos. Nesse contexto, um dos territórios alterados em meio à pandemia foi o universitário já que, a partir de março, com a determinação da quarentena, as aulas do meu último ano da graduação em Psicologia se tornaram todas remotas e as práticas de estágio foram adaptadas a alternativas à distância em que houvesse o respeito ao isolamento social tanto de alunos e professores quanto de grupos e pacientes interessados em apoio psicológico. Apenas a partir de julho, surgiu uma proposta de estágio em ambiente hospitalar, com a realização de visitas virtuais, para que pessoas, durante suas internações, pudessem manter o contato com seus familiares, considerando que, em razão da pandemia, os pacientes não podiam ter contato direto com sua família nem ela poderia entrar no hospital para evitar qualquer risco de contaminação durante as visitas, antes naturais e necessárias para a saúde mental de todos os envolvidos.

Dessa forma, para as pessoas saudáveis, o cuidado para não se contaminarem, nem contaminar outrem, foi uma escolha psicologicamente difícil para muitos. Porém, para as pessoas que já possuíam problemas de saúde, o cuidado não era uma opção, mas sim uma necessidade. Se para os que possuíam problemas significativos de saúde, mesmo que controlados, o distanciamento era necessário, para os indivíduos em situação de internação hospitalar, o distanciamento se tornou obrigatório e passou a ser, de fato, um isolamento social.

* *Voluntária de Visitas Virtuais de hospital público de SP; Voluntária em ONG religiosa; Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista/UNIP*

** *Professora e supervisora de estágio na área de Saúde na graduação de Psicologia pela Universidade Paulista/UNIP*

É sobre este último grupo de pessoas supracitado, os indivíduos em situação de internação hospitalar, os quais chamarei de pacientes, que discorrerei relatando uma das experiências mais significativas que tive com migrantes, no decorrer de meus anos de voluntariado. As experiências ocorreram como parte do cumprimento de estágio obrigatório da Disciplina de Psicologia da Saúde da UNIP-SP e se deram em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital público, localizado na cidade de São Paulo; os nomes dos pacientes foram alterados a fim de preservar suas identidades e em respeito e consideração a eles e a seus familiares.

Num contexto de internação hospitalar, todos os pacientes são, metafórica ou literalmente, migrantes, haja vista estarem todos fora de seus territórios habituais e terem muito de sua identidade, literal ou subjetiva, obscurecida pelos cuidados técnicos necessários à manutenção de sua vida.

A internação interrompe o curso de vida diário do paciente e do familiar, há ansiedades e frustrações evidenciadas nas falas de diversos pacientes, como querer ir para casa ou querer estar com o familiar e cuidar de si pessoalmente, uma vez que não possuem o controle de seu espaço vital durante esse período de internação.

Durante a pandemia, por medida de segurança, as visitas físicas, salvo em casos raros e pontuais, e com muita paramentação e controle, não foram permitidas, na grande maioria dos serviços hospitalares. Soma-se a este cenário já complexo a condição de migrantes literais, pacientes cardiopatas e/ou com doenças pulmonares graves, oriundos de outros estados do Brasil, e do interior do estado de São Paulo, internados para tratamento de doenças crônicas graves, cujas famílias estavam impossibilitadas de manter o convívio físico, tanto pelas restrições da pandemia quanto pela distância geográfica.

A maneira encontrada pelo grupo de humanização do hospital para diminuir o sofrimento desses pacientes e familiares foi promover, com o auxílio de profissionais de saúde voluntários, estagiários, musicistas e contadores de histórias, encontros através de visitas virtuais por meio de tablets e smartphones.

2 UM CANTOR MINEIRO

Ismael era um paciente idoso, natural de Minas Gerais, estava consciente, porém, inicialmente, indisposto. Ele estava no escuro e totalmente coberto pelo lençol, atendeu os estagiários sem responder de início, descobrindo apenas os olhos. Após ser apresentada a possibilidade de ser feita uma visita virtual com sua filha e com duas artistas, ele contou que gostava de cantar, mas que, desde o início da pandemia, seu coração estava triste e não cantava mais. A voluntária lhe perguntou sobre as músicas de que ele gostava e iniciou algumas, ela cantava o início e ele, ao recordá-las, continuava a canção. Após estabelecido esse primeiro contato, a visita virtual teve início com a participação

da filha, que se emocionou muito ao ver o pai cantando, e o próprio paciente se emocionou ao cantar acompanhado da filha e das artistas e ser aplaudido por elas e pelas estagiárias presentes.

Cantou com emoção e citou, para os presentes e virtuais, as delícias de que sentia falta, falou do queijo mineiro, do café, do bolo de fubá. No final da visita, ele disse que estava “ótimo, com o coração cheio de alegria, com energia para ir para casa” (sic), tentou sair e pedir alta hospitalar, mas só após a voluntária e a enfermeira explicarem que ele precisaria aguardar até o dia seguinte para a avaliação médica foi que ele se sentou e concordou em aguardar “mais 1 dia” (sic) e se colocou à disposição para cantar quando os estagiários e enfermeiros quisessem; disse que, mesmo que ele já tivesse ido para casa, poderiam chamá-lo, e ele voltaria para cantar para os aniversariantes.

3 AS DUAS COMADRES

Nesse dia, após conversar um pouco com alguns pacientes que estavam acordados e fazer algumas visitas virtuais com as famílias, a dupla de estagiárias decidiu fazer a visita com as artistas (musicista e contadora de história) num quarto com dois leitos e contemplar as duas pacientes e suas famílias.

Enquanto uma estagiária ficava com um tablet para uma paciente, a outra ficava com o smartphone com a que estava no leito ao lado, numa única videochamada.

As pacientes eram duas mulheres de mais de 60 anos, Elza, internada por arritmia cardíaca, e Ângela, com insuficiência cardíaca grave.

Elza ria bastante com as histórias da narradora, e sua família no interior do estado também. Ângela, natural da Paraíba, seguia as músicas com palmas e com o balançar da cabeça e dos braços e dizia que estava fraca para cantar mais forte, mas que, apesar de se sentir fraca, aquelas músicas de sanfona e as canções “lá do sertão” (sic) faziam o “coração bater feliz” (sic). Seu único filho cantou com a mãe e a musicista sanfoneira e se emocionou até às lágrimas. A mãe o confortava, dizendo “a música é linda, mas chora não, eu te amo, meu filho, você é o grande presente da minha vida” (sic), e ele respondia com palavras de gratidão e amor. O filho afirmou que queria que ela fosse para casa para estar com ele quando o bebê (o primeiro neto de Ângela) nascesse ou que ele pudesse estar ali com ela.

Elza, que tinha seu próprio celular, pediu para as estagiárias compartilharem seu contato com o filho de Ângela para que ele e a mãe pudessem conversar mais vezes, já que ela não tinha celular e só falava com o filho nos dias da visita virtual.

Ângela disse que as estagiárias e as artistas eram anjos, pois vinham com muito carinho conversar com ela e proporcionar que ela visse seu filho e cantasse as músicas do sertão, contou que podia fechar os olhos e sentir o cheiro

de sua terra. O filho, por sua vez, também disse palavras de gratidão e se dispôs a contribuir com o projeto das Visitas Virtuais de algum modo para que mais pacientes e famílias pudessem ser atendidos.

4 UMA MÃE CEARENSE

Quando o paciente é menor de idade, é necessária a companhia constante de um adulto responsável, e, no caso de Bernardo, como em quase todos os casos de pediatria, a acompanhante era a mãe. Bernardo estava internado devido a complicações por fibrose cística. Quando conversado com essa criança e a mãe sobre a proposta da visita com as artistas, a mãe, apesar de responder de forma sucinta e séria, ficou mais interessada que o filho, que, no momento, estava atento a um jogo digital. Porém, quando teve início a chamada com a irmã mais velha, que estava na casa da família, o paciente começou a se interessar e a perguntar sobre o cachorro de estimação, chamado Bolinha. Depois que a narradora e a musicista entraram na chamada e a musicista mostrou a sanfona, a mãe ficou mais extrovertida e participativa. Ela e a filha disseram gostar muito de forró, quando a musicista-sanfoneira se apresentou. Quando perguntado sobre o tipo de histórias que o paciente gostava de ler ou ouvir, ele disse que não sabia. A mãe disse que ele passava mais tempo no hospital que em casa, e, por esta razão, tivera pouco contato com os estudos, e nunca pôde participar de contação de histórias com artistas, aquela seria a primeira vez dele.

No transcorrer da visita, a mãe, junto ao leito, e a irmã, em casa, via vídeo, cantaram junto à musicista todas as músicas trazidas, contando que as faziam lembrar-se do Ceará. A narradora trouxe um apito que imitava um passarinho, o paciente riu e sorriu muito, contou que, em casa, ouvia pássaros também. Bernardo se divertiu com as histórias, principalmente as de animais, em que a artista incorporava o nome do cachorro do paciente.

5 UM BAIANO CALADO

Um dos pacientes que recebeu a visita com arte, naquele dia, foi Joaquim, de 42 anos; internado há um mês, havia recusado todas as propostas anteriores de visita virtual padrão com a família, bem como quaisquer interações amistosas de diálogo com os voluntários e estagiários. Porém, nesse dia, foi feita outra tentativa, a pedido da enfermagem, e ele aceitou receber a visita virtual com música e contação de histórias, apenas ele e os artistas, sem a família. Quando os artistas perguntaram de onde ele era e ele contou ser baiano, logo houve uma identificação com o músico, que disse ser casado com uma baiana, e trouxe para a conversa vários elementos da cultura baiana (alimentação, palavreado, costumes). Foi então a primeira vez que a estagiária viu esse paciente sorrir, desde as primeiras tentativas de interação. Ele cantou baixinho várias músicas junto ao cantor e se emocionou com histórias compartilhadas pela contadora.

6 AMOR, FÉ E UMA DESPEDIDA, DESDE O INTERIOR DO PARANÁ

Fausto, cerca de 73 anos, que havia sido extubado (retirado o tubo conectado ao respirador artificial) no dia anterior, falava pela primeira vez com a família após um longo período intubado e sedado. Nessa visita, participaram a neta, uma adulta jovem, e a esposa, que moram no estado do Paraná. Ambas ficaram muito emocionadas ao falar com o paciente. O início da conversa girou em torno do estado de saúde do paciente e, após uma breve intervenção da estagiária, perguntando ao paciente o que ele gostaria de saber sobre a família, sobre seu lar e amigos, a conversa então girou em torno de outros familiares, amigos e assuntos de interesse do paciente, como sua Igreja.

Após a introdução dos artistas na chamada, o paciente interagiu menos, dizendo que queria mais era ouvir, então ouviu a esposa conversando com os músicos sobre fé e religião. Os artistas trouxeram músicas e histórias de cunho espiritual, com temática cristã, e algumas que falavam da natureza, que foram bem apreciadas pelos participantes.

A esposa disse que gostaria de fazer uma oração e o paciente disse que queria ouvi-la orando e convidou a todos os presentes-virtuais para participar. A esposa colocou sobre a cabeça um véu branco e, com todos em reverente silêncio, orou, agradecendo por estar vendo virtualmente e falando com o esposo através de “anjos de bondade” (sic), foi nomeando várias funções da equipe (estagiários, voluntárias, enfermeiros, médicos, faxineiros, cozinheiros, artistas, porteiros...) e pediu na oração que cada um fosse abençoado por Deus e Jesus Cristo pelo bem que estavam fazendo a seu esposo e a todos os pacientes.

Foi um momento muito emocionante para todos os presentes, em especial para o paciente, que chorou, mas disse que era de gratidão.

Na semana seguinte, Fausto estava mais abatido, aparentemente consternado. Durante a visita, havia um enfermeiro ao lado do leito, cuidando da hemodiálise do paciente, que respondia, com gestos para a estagiária, todas as perguntas de sua esposa; apesar de relatar receber o boletim médico diariamente, ela fez várias perguntas. A esposa perguntou se o intestino havia funcionado, os rins e outros órgãos; exceto pelo intestino, a resposta do enfermeiro foi negativa em relação à melhora do funcionamento dos órgãos. Apesar disso, a esposa disse que tinha fé e estava orando por um milagre, afirmou que o esposo estava com uma boa aparência, logo teria alta, que deveria ficar só mais um pouco no hospital para ficar bem e “voltar para ela de vez” (sic). Disse que, em sua cidade no Paraná, todos os amigos e familiares oravam por ele e que ela havia feito uma capa nova para a poltrona de onde Fausto assistia televisão, com o cachorro de estimação ao seu lado. Fausto, após ouvir essa fala da esposa, lhe agradeceu por sua fé, amor e orações e pediu que agradecesse a cada um dos familiares, amigos, pastores e irmãos de sua Igreja, pela bondade de se importarem e terem sido muito bons com ele. Também disse que, apesar

de toda a equipe de saúde ser muito boa, cuidadosa e tratar bem dele, estava sendo muito difícil para ele. Disse “só eu e Deus sabemos o quanto sofri e o que passei nesses 26 dias sem falar, sem me mexer, sozinho... é muito duro isso... não estou bem, estou cansado” (sic); a esposa respondeu, dizendo que ele ia ficar bem. Ele respirou fundo, olhou em silêncio para a estagiária e, após alguns segundos, disse baixinho “ela não está entendendo” (sic). Depois se virou para o tablet e disse para a esposa que foi muito feliz com ela, pediu perdão pelo que ele poderia ter feito melhor e não fez, mas queria que ela soubesse que a amava e foi feliz com ela. Fitou a esposa pelo tablet, sorriu, limpou uma lágrima e pediu que ela se lembrasse dessas coisas e dissesse à família que também os amava. A esposa, com expressão otimista, confirmou que, assim que ele fosse para casa, sua poltrona o aguardaria para tomarem um café da tarde juntos. Ele sorriu e se despediu. Fausto faleceu naquele mesmo dia, algumas horas após a visita virtual.

7 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS

A pandemia retirou, de forma impactante, diversos atravessamentos da noite para o dia, um deles, o território do qual cada um de nós fazia parte e trazia o sentimento de pertencimento e identidade inerente ao contexto, seja o trabalho, a faculdade, as tarefas, o armário da academia, o tempo gasto no trânsito de um bairro ao outro, além dos abraços e cafés nos corredores ou nos intervalos. As aulas remotas trouxeram essa perda brutal do contato diário com colegas, professores, rotinas e espaços que contornavam todo esse movimento de ir e vir. O isolamento social exigiu de cada um de nós o resgate, a descoberta ou a invenção de soluções, alternativas e novos territórios. Nos tornamos refugiados de pátrias antes muitas vezes tão negligenciadas como párias.

Assim como alunos sem o ambiente escolar/acadêmico, os pacientes perdem esse sentimento de pertencimento quando estão no hospital e a pandemia acirrou esse efeito ao exigir a distância dele em relação à sua família. Assim, a interação, através desse contato com os familiares e com a arte, parece resgatar uma questão identitária que pode ter ficado obscurecida pela patologia e pela impessoalidade da internação. Esse contato com a vida, para além da patologia, parece ser altamente terapêutico, dadas as mudanças ocorridas nos comportamentos de pacientes e familiares.

A autonomia de alguém é algo da ordem do sagrado, e respeitar o modo de ser, viver e pensar de cada um é algo que deveria ser premissa máxima de qualquer interação humana, independente do contexto de atuação e de crenças individuais. O contato com as referências culturais da vida de cada paciente parece ter favorecido seu reconhecimento e valorização pessoal, sua história de vida, seus relacionamentos e o contexto do cuidado. O resgate identitário trazido pela família e pelas músicas pareceu extremamente benéfico, especialmente num ambiente impessoal e de pouca autonomia pessoal como o ambiente hospitalar.

Apesar de compreender a importância de se ter uma atitude positiva em relação a desafios, e inclusive, por vezes, sermos gratos por tê-los e poder aprender com as experiências, o advento da pandemia e todas as limitações e complicações resultantes dela se mostraram um desafio maior que o esperado.

Os pacientes que tive a possibilidade de atender nesse estágio eram, na imensa maioria, muito graves, alguns faleceram, outros se recuperaram, porém cada um proporcionou experiências transformadoras, inclusive resgatou minha identidade como mineira distante de sua terra e família, e também como aluna que foi privada de seus territórios devido ao isolamento social. Assim, no espaço em que encontrei migrantes pude reencontrar em mim tanto o pertencimento quanto minha identidade.

*“Nesta madrugada estarei de partida
Pra terra querida que me viu nascer
Já ouço sonhando o galo cantando
O nhambu piando no escurecer
A lua prateada clareando a estrada
A relva molhada desde o anoitecer
Eu preciso ir pra ver tudo ali
Foi lá que nasci, lá quero morrer”.*

(Saudade de Minha Terra, Compositor:
Goiá, gravada originalmente em 1966 por Belmonte e Amaral)

